

Escuta e dialogismo: contribuições da Filosofia de Mikhail Bakhtin

Escucha y dialogismo: contribuciones de la Filosofía del Mikhail Bakhtin

Listening and dialogism: contributions of Mikhail Bakhtin

J. Salazar de Castro; L. M. Schlindwein; J. Dias; BRASIL

RESUMO

Neste texto desenvolvemos uma reflexão sobre as possíveis contribuições da Filosofia da Linguagem produzida por Mikhail Bakhtin, a partir dos conceitos de dialogismo, enunciado/enunciação e escuta, para a análise das interações verbais e extraverbais entre professores(as) e crianças no contexto coletivo de educação infantil. Trata-se de parte de uma pesquisa de doutorado cujo objetivo principal foi observar, conhecer e analisar a prática pedagógica das professoras de crianças bem pequenas (de dois a três anos) e as possíveis relações dialógicas presentes na comunicação entre elas. Os conceitos bakhtinianos supramencionados possibilitaram compreender o movimento das docentes na reelaboração do cotidiano profissional e a interpretação em relação aos enunciados das crianças, aspectos que nos permitem conhecer mais da prática pedagógica. As contribuições de Bakhtin em relação ao dialogismo e à escuta são importantes para a constituição de uma docência mais horizontalizada e próxima aos modos de vida das crianças bem pequenas, em que a linguagem oral está em elaboração. A condição de ser professor(a), quando pautada em uma relação entre a ética e o conhecimento, possibilita responder às crianças de forma sensível e responsável elevando a mera ação, por vezes mecânica, ao ato pedagógico, provido de maior consciência entre o eu individual e o outro coletivo/social. O texto pretende contribuir com a Pedagogia

da Infância a partir de uma docência dialógica. A pesquisa indica práticas que se constituem a partir da significação compartilhada entre adultos e crianças.

Palavras-chave: Crianças bem pequenas, Docência, Dialogismo, Escuta, Prática Pedagógica

RESUMEN

En este texto desarrollamos una reflexión sobre las posibles contribuciones de la Filosofía del Lenguaje producida por Mijaíl Bajtín, a partir de los conceptos de dialogismo, enunciado/enunciación y escucha, para el análisis de las interacciones verbales y extraverbales entre profesores(as) y niños en el contexto colectivo de la educación infantil. Se trata de parte de una investigación de doctorado cuyo objetivo principal fue observar, conocer y analizar la práctica pedagógica de las profesoras de niños bien pequeños (de dos a tres años) y las posibles relaciones dialógicas presentes en la comunicación entre ellas. Los conceptos bajtinianos anteriormente mencionados permitieron comprender el movimiento de las docentes en la reelaboración del cotidiano profesional y la interpretación en relación a los enunciados de los niños, aspectos que nos permiten conocer más de la práctica pedagógica. Las contribuciones de Bajtín en relación al dialogismo y a la escucha son importantes para la constitución de una docencia más horizontalizada y cercana a los modos de vida de los niños bien pequeños, en los que el lenguaje oral está en elaboración. La condición de ser profesor(a), cuando basada

en una relación entre la ética y el conocimiento, posibilita contestar a los niños de forma sensible y responsable elevando la mera acción, a veces mecánica, al acto pedagógico, provisto de más conciencia entre el yo individual y el otro colectivo/social. El texto pretende contribuir con la Pedagogía de la Infancia a partir de una docencia dialógica. La investigación indica prácticas que se constituyen a partir de la significación compartida entre adultos y niños.

Palabras clave: Niños Pequeños, Enseñanza, Dialogismo, Escucha, Práctica Pedagógica

ASBTRACT

In this text we develop a reflection on the possible contributions of the Philosophy of Language produced by Mikhail Bakhtin. We start from the concepts of dialogism, enunciation/enunciation and listening, to the analysis of verbal and extraverbal interactions between teachers and children in the collective context of child education. This is part of a PhD research whose main objective was to observe, to know and to analyze the pedagogical practice of the teachers of young children (from two to three years) and the possible dialogical relations present in the communication between them. The Bakhtinian concepts made it possible to understand the teachers' activity in the re-planning of professional daily life and the interpretation in relation to the statements of the children. That's aspects that allow us to know more about the pedagogical practice. Bakhtin's contributions to dialogism and listening are important for the constitution of a more horizontal teaching and close to the way of life of young children, in which oral language is in formation. The condition of being a teacher, when based on a relationship between ethics and knowledge, makes it possible to respond to children in a sensitive and responsible way, by increasing the mere action, sometimes mechanical, to the pedagogical act, individual and the other collective / social. The text intends to contribute to the Pedagogy of Childhood from a dialogical teaching. The research indicates practices that are based on the shared meaning between adults and children.

Keywords: Children, Teaching, Dialogism, Listening, Pedagogical Practice

INTRODUÇÃO

O presente artigo resulta de uma pesquisa de Doutorado realizada na capital do Estado de Santa Catarina – Florianópolis – na região Sul do Brasil. O estudo foi realizado em um grupo de educação infantil, com crianças entre dois a três anos de idade. Partici-

param da pesquisa seis meninas e nove meninos (15 crianças). Além das crianças, também participaram deste estudo duas professoras¹ regentes, duas auxiliares de sala, uma professora auxiliar e uma professora de Educação Física. A pesquisa desenvolvida abordou a prática pedagógica das professoras de crianças bem pequenas e as possíveis relações dialógicas presentes na comunicação e na brincadeira estabelecidas nas interações entre crianças e adultos no cotidiano da educação infantil. Foi problematizada a função social da docência, partindo dos pressupostos teóricos da Pedagogia da Infância (Barbosa, 2000; Bondioli, 2004; Faria, 2007; Rocha, 1999; Savio, 2011) em diálogo com a base teórica da Filosofia da Linguagem de Bakhtin (2006; 2010a; 2015).

A compreensão bakhtiniana sobre a constituição da linguagem contribui na orientação sobre a investigação das práticas cotidianas na educação infantil. Para Bakhtin (2006; 2010a), o objeto de estudo nas Ciências Humanas é o homem (ser expressivo e falante). Buscamos compreender as relações cotidianas pelo viés do dialogismo, o que significa trazer para o debate a relação ética entre o individual e o coletivo. Tal exercício possibilita compreender a docência na educação infantil por um caráter responsável e responsivo, tornando-se ato pedagógico, a partir do conceito de ato social cunhado por Bakhtin (2010a).

A relação entre a ética e o conhecimento, que dialogicamente constituem o ato social, exige-nos entender que o agir do homem carrega marcas ideológicas que orientam o seu fazer. Marcas que são forjadas ao longo da trajetória de vida de cada ser humano. Esse processo é constituído nas e pelas trocas sociais entre duas ou mais consciências e mediado pela linguagem.

Para que se conheça o processo de constituição da discursividade das crianças em processo de apropriação da palavra e formação de pensamento, observar e conhecer o trabalho das professoras é fundamental. Assim, tornou-se possível perceber como as relações eram estabelecidas, tendo em vista que a linguagem tem sua base de constituição nas relações sociais (Bakhtin, 1895-1975). Essa preocupação vem ao encontro do que apregoam Bondioli e Mantovani (1998, p. 29), ao discutirem a horizontalidade das relações para a educação das crianças. Para as autoras, promover uma pedagogia relacional “significa dizer não a uma relação individualizada e, sobretudo, personalizada. Significa dizer não a atividades que mais se parecem com pequenas lições do que com brincadeiras de livre descoberta”. Assim, pretendeu-se analisar o papel da linguagem em uma perspectiva dialógi-

ca na relação entre adultos e crianças, observando suas estratégias comunicativas, que em um grupo de crianças de dois a três anos, partem de variadas *enunciacões* extraverbais.

Considera-se importante destacar que neste estudo os conceitos de *enunciado* e *enunciação* são compreendidos como equivalentes e são abordados pelas lentes teóricas de Bakhtin (Volochínov) (2009), como ato de fala, que mesmo proferido individualmente parte de uma consciência coletiva. Sua natureza é sempre social e ideológica. A enunciação é definida pelo contexto social a que pertencem os sujeitos do discurso, sendo “produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados”, como expressão semiótica da atividade mental, concretizada nas e pelas relações sociais (Bakhtin/Volochínov, 2009, p.116).

A organização metodológica pelos preceitos bakhtinianos possibilitou problematizar a prática pedagógica tomando as crianças e as professoras a partir do seu lugar único no existir, em que seu agir é singularizado pelo lugar que ocupam. Na perspectiva de compreender a relação entre o individual (eu) e coletivo (outro/s), a escuta das professoras em relação ao que as crianças manifestavam, tornou-se fundamental elemento a ser observado e conhecido, por ser canal para a efetivação da réplica do diálogo, resultando na construção discursiva. De acordo com Bakhtin: “O discurso falado vivo está voltado de modo imediato e grosseiro para a futura palavra-resposta: provoca a resposta [...] o discurso é ao mesmo tempo determinado pelo ainda não dito, mas que pode ser forçado e antecipado pelo discurso responsivo” (Bakhtin, 2015b, p.52-53). Isto é, toda a palavra solicita a escuta, todo enunciado requer interpretação, aspectos que tornam o ato de escutar, um ato de sentir por inteiro, acionando os diferentes sentidos do humano em busca de compreender e responder com responsabilidade a enunciação do outro.

Na geração de dados foi possível organizar um quadro de análises formado por blocos interpretativos², a partir de alguns conceitos bakhtinianos. Neste texto apresentamos os conceitos de *dialogismo* e *escuta* como instrumento de análise no que diz respeito às relações entre crianças e adultos em espaços de educação infantil. Esse bloco interpretativo versará sobre a prática pedagógica partindo da escuta e da interpretação das vozes, presentes nos enunciados dos sujeitos da pesquisa. Buscou-se refletir sobre como as crianças e as professoras elaboravam suas enunciacões e de que forma se relacionavam com a linguagem no contexto educativo.

Também será apresentado, de maneira breve, o conceito de ato social, a partir do qual foi possível estabelecer, nessa pesquisa, o conceito de ato pedagógico como possibilidade para uma docência dialógica e responsiva. A seguir tratamos, brevemente, do conceito de ato social e posteriormente, retomamos os conceitos de *dialogismo* e *escuta*, como elementos constitutivos do ato, a partir de exemplos e análises da prática pedagógica de professoras com as crianças de dois a três anos.

O CONCEITO DE ATO SOCIAL EM BAKHTIN E A DOCÊNCIA COMO ATO PEDAGÓGICO

A linguagem tem sua base constitutiva nas relações sociais, como marcas de um processo histórico, cultural e ideológico, é um fenômeno vivo que ganha forma e sentido na interação social com o outro (Bakhtin, 2006; 2009). Isto significa afirmar que esse fenômeno resulta de um todo social, no qual o sujeito está envolvido e se constitui. Não é um processo subjetivo ou biológico, individual, é desenvolvido de acordo com as condições sociais, em que toda identidade individual é sempre coletiva, constituída pelas vivências e interações entre sujeitos.

No entanto, é importante destacar que embora a consciência individual seja resultante de um processo social (coletivo), a atitude humana, o agir-ato, como define Bakhtin (2010a) não possui alibi, portanto, precisa ser para o outro uma resposta responsável, é aí que reside a ética e a possibilidade da efetivação do ato social. O modo como respondo ao outro, a entonação que utilizo, os gestos e olhares que dispendo são carregados de ideologias, e, determinam também pelo não dito, o conteúdo moral que estou assumindo frente ao outro. Aspectos que fundem uma compreensão de docência para as crianças bem pequenas, em que a linguagem verbal, a palavra materializada, não será o recurso mais utilizado na construção discursiva delas. Estabelecer empatia e colocar-se no lugar do outro bebê e da criança bem pequena, que ali nos comunica, é participar ativamente de um diálogo vivo, compreendendo o nosso dever em relação ao outro, de modo singular ao contexto social imediato e amplo desses sujeitos, pressupondo uma participação “responsável, e não a minha abstração”. (Bakhtin, 2010a, p. 66).

Compreendemos que o ato social não é pré-determinado, mas sim pré-organizado como atividade mental, e se estabelece no momento da própria realização, na interação com a vida, com os sujeitos

que escutam, observam, respondem e completam os sentidos vivenciados em cada acontecimento. A docência com as crianças de zero a três anos e as dimensões da prática pedagógica, constituintes da docência, pensadas a partir do conceito de ato social, tal como cunhado por Bakhtin (2010a), concebendo-a como *ato pedagógico*, e não como ação, justifica-se pela compreensão de que ato e ação não significam a mesma coisa. Na concepção bakhtiniana, a ação pode ser realizada de modo mecânico, sem exigir responsabilidades sobre o que é feito ou dito. Já o ato social implica assumir respostas responsáveis (responsabilidade e responsividade) sobre o que se efetiva, tendo sempre o outro como interlocutor ativo e participativo, complementando os sentidos do que digo ou faço, convocando-me a assumir responsabilidade pelo meu próprio agir. Como afirma Bakhtin: “Não é o conteúdo da obrigação escrita que me obriga, mas a minha assinatura colocada no final, o fato de eu ter, uma vez, reconhecido e subscrito tal obrigação”, é a minha afirmação, o meu compromisso com o que me proponho assumir que me implica e me convoca ao ato responsável (2010a, p. 94).

Diante disso, assumir a docência na Educação Infantil e pensar as práticas na perspectiva do ato pedagógico têm um diferencial, uma vez que mobilizam o sujeito a pensar que as propostas ora traçadas precisam responder ao outro de modo responsável. Esse exercício de pensar no outro-criança, como condição para a constituição da docência, pode contribuir para que se sustentem, cotidianamente, relações recíprocas entre adultos e crianças nos espaços de educação formal.

Pensar a docência na Educação Infantil na perspectiva do ato (social) pedagógico implica um agir responsável no cotidiano em que a prática se estabelece. Exige um pensar reflexivo, cuidadoso, tendo em vista que o ato será sempre dirigido a outro sujeito. As crianças são as respondentes, que precisam ser escutadas (sentidas) para serem reconhecidas como outro na relação. Para Bakhtin: “Cada um de meus pensamentos, com o seu conteúdo, é um ato singular responsável meu”. (2010a, p. 44). Nesse sentido, se permitir mudanças, ampliar e rever concepções, resistir à hegemonia estabelecida no e pelo cotidiano contribuem para nos aproximarmos dos mundos das crianças, vendo-as em sua inteireza.

Esse processo pode ser compreendido, no contexto das práticas pedagógicas, na Educação Infantil, como ato, em que somos responsáveis por aquilo que propomos e pelo modo como efetivamos dadas proposições. O ato pedagógico das professoras, as-

sim definido, realiza-se no próprio fazer, na interação com o outro-criança, e com o outro-adulto. É um ato vivo que se materializa cotidianamente, constituindo a docência.

Perceber o outro como ponto de partida e realizar a prática pedagógica na Educação Infantil, pelos princípios da “ética, da política e da estética” (Brasil, 2009a), tal como concordamos e defendemos, é ter consciência do instrumental orientador que a teoria propicia e, a partir dessa consciência, poder desenvolver um conjunto de práticas pedagógicas que compõem a docência como ato.

No cotidiano da Educação Infantil, estabelecer a relação entre teoria e prática implica fundamentalmente estar em correlação com cada criança, com os modos peculiares de se expressarem. Atentar-se aos sentidos que atribuímos aos modos delas (crianças) nos comunicarem e aos sentidos que nos atribuem, como recurso valorativo para a reflexão de nosso próprio fazer, é afirmar-se responsabilmente frente à tarefa de educar e cuidar. É compreender como se efetivam os modos com os quais a criança aprende, os seus valores, os seus próprios agires, que se estabelecem nas relações, tornando as professoras responsáveis também – e muito – pela constituição intersubjetiva do humano que se lhes apresenta.

A ESCUTA DAS PROFESSORAS ÀS CRIANÇAS: MARCAS DE UMA DOCÊNCIA DIALÓGICA

A linguagem é estabelecida por múltiplas dimensões, não se restringindo à fala, manifestando-se também pelo gesto, olhar, movimento, escrita, desenho, música, pela brincadeira e pela arte. Bakhtin (Volochínov) afirmam que: “Todas as manifestações verbais estão, por certo, ligadas aos demais tipos de manifestação e de interação de natureza semiótica, à mímica, à linguagem gestual, aos gestos condicionados, etc.” (2009, p. 43).

A teoria do dialogismo de Bakhtin (2015) afirma a imprescindibilidade de outras consciências como o único meio possível de tornar a comunicação plena de sentido em relação à vida real dos sujeitos que participam de determinado contexto. O dialogismo nega qualquer tipo de monologismo absoluto como verdade única e acabada, é sempre na e pela interação entre os homens que o conhecimento é produzido. Bakhtin assinala que “A palavra não é um objeto, mas um meio constantemente ativo, constantemente mutável de comunicação dialógica. Ela nunca basta a uma consciência, a uma voz. Sua vida está na passagem de

boca em boca, de um contexto para outro, de uma geração para outra” (2015, p. 232). É pelo confronto de vozes e entonações, alternadas entre os sujeitos do discurso por meio de suas enunciações que o dialogismo é estabelecido. A enunciação é o elo na cadeia discursiva, formando réplicas e trazendo inacabamento ao diálogo.

Toda enunciação busca uma resposta ativa e não se limita a uma compreensão imediata, procura ir além, possibilitando uma relação dialógica, porque a escuta não é algo externo ao enunciado. Ao contrário, é constitutiva dele, é garantia de interlocução entre os sujeitos. Segundo Bakhtin, “A audibilidade como tal já é uma relação dialógica. A palavra quer ser ouvida, entendida, respondida e mais uma vez responder à resposta e assim *ad infinitum*” (2006, p. 334). A criança, quando está se constituindo como ouvinte (atenta e perceptiva), está também se posicionando como respondente, sendo convocada a expressar suas interpretações e entendimento sobre o que lhe é dito, proposto e enunciado.

Diante do exposto, apresentamos algumas análises a partir dos dados gerados na pesquisa de campo, buscando compreender como o uso dos conceitos de escuta e dialogismo podem contribuir com a qualificação das práticas pedagógicas, favorecendo a constituição de uma docência responsiva para com as crianças bem pequenas.

A dimensão da escuta, buscando no agir das crianças o principal canal para melhor conhecermos delas e interpretarmos suas “vozes”, em um movimento de ir ao encontro de suas perspectivas, parece ser plausível na Educação Infantil. Isto possibilita estruturar novas particularidades comunicativas no contexto coletivo, rompendo com posturas impositivas.

João (2 anos e 9 meses) chora e grita tentando se apossar do carrinho que Lucas (2 anos e 11 meses) brinca, Bete (PAS-M) sugere que ele solicite ao menino, usando um tom de voz sereno. João insiste, se desestabiliza e grita, Bete lhe fala sorrindo: ‘O João está virando o lobo mal, está ficando assustador!’. O menino sorri se acalmando e desiste do carrinho que está com o colega. (Diário de Campo, Manhã de 13 de agosto de 2014).

Quando a professora se permite uma atenção à lógica relacional da criança, ela está demonstrando compreender que por este caminho será possível se aproximar mais do menino e estabelecer com ele outro modo de intervir. Esta postura da professora resulta de observações atenciosas, que lhe possibilitaram conhecer melhor como João reagiria se fosse

simplesmente convencido a deixar o carrinho com o colega. A escuta em relação à criança passa pelo reconhecimento dos seus modos de agir e se comunicar nas situações cotidianas, dos seus jeitos de reagir em relação aos pares e aos adultos. Bondioli e Ferrari (2004) chamam a atenção sobre as estratégias dos adultos para se relacionarem com as crianças de forma lúdica, trazendo a fantasia como suporte:

[...] o adulto que para compartilhar situações e experiências com a criança, regride à sua infância não perde nem abandona a sua maturidade, o adulto não renuncia a sua função, sobretudo, usa as suas capacidades adultas para comunicar com a criança em um registro a ela compreensível e para identificar estratégias adequadas sobre os percursos, frequentemente imprevisíveis do pensamento e da iniciativa dos pequenos. (p.15).

As autoras destacam que o adulto, ao recorrer a situações imaginárias e lúdicas, como estratégia para estabelecer comunicação e intervir em alguma circunstância com a criança, amplia suas possibilidades de conhecê-la melhor. Ao nosso ver, isto se torna possível na medida em que a professora interpreta o ato da criança, respondendo-lhe com responsividade. De acordo com Bakhtin, “A interpretação responsiva é uma força essencial que participa da formação do discurso, sendo ainda uma interpretação ativa, sentida pelo discurso como resistência ou apoio que o enriquecem” (2015, p.54).

A interpretação é ativa porque, ao responder à outra pessoa (que também se torna interpretadora), leva-a a inter-relações, complexificando seu horizonte com novos elementos, oferecendo-lhe possibilidades de ampliar seus discursos e suas estratégias de comunicação. No caso do excerto apresentado, a criança (o falante), ao chorar para obter o carrinho, tinha em conta a interpretação do outro, a resposta do ouvinte, fosse a outra criança, que poderia se intimidar e ceder-lhe o objeto, fossem as professoras, que poderiam intervir a seu favor.

Em nossa interpretação, a atitude/resposta da professora serviu não apenas para redimensionar a postura da criança frente ao colega e ao seu desejo pelo carrinho, mas também permitiu a ela mesma compreender sua postura como uma possibilidade dialógica de intervir, mediante ao que estava acontecendo entre os dois meninos. Visto como Bakhtin: “A interpretação só amadurece na resposta. A interpretação e a resposta estão dialeticamente fundidas e se condicionam mutuamente: uma é impossível sem a outra” (2015, p. 55). A escuta direciona a interpretação, que

por sua vez amplia as possibilidades de entendermos melhor o outro, colaborando para olhar a si mesmo, sejam os adultos, sejam as crianças.

No caso da educação das crianças pequenas, esses elementos vão gradualmente constituindo suas competências sociais, à medida que começam a se apropriar de regras, sentimentos e responsabilidades em relação ao outro. Aos poucos a criança vai tomando o outro como parâmetro relacional, deixando de ser somente ela o seu próprio centro de interesse. A pesquisadora Judy Dunn desenvolveu um importante estudo sociológico sobre o início da consciência humana em relação aos contratos sociais. A autora buscou identificar em âmbitos familiares quando as crianças começam a manifestar a compreensão do mundo social, explorando aspectos inerentes ao processo de descobertas sociais nos três primeiros anos de vida. Segundo Dunn (1998), as brigas, conflitos, gritos, brincadeiras e jogos, perguntas e narrativas favorecem a ampliação da capacidade das crianças de se tornarem membros do mundo social e cultural.

As crianças começam a ter maior consciência de si na relação com o outro e se apropriam das regras do convívio social a partir de situações que são valoradas socialmente. Nessa relação, as crianças vão se tornando mais competentes em seus empreendimentos comunicativos, o que requer das professoras a atenção às relações que são estabelecidas e ao presumido que está presente nas expressividades delas.

Para Bakhtin (Volochínov), o enunciado se constitui entre a esfera do dito e do não dito, ou seja, o presumido é o extraverbal da enunciação, que não aparece materialmente em forma de som verbalizado, mas está contido no que foi dito, constituindo a estrutura da significação (2011). Para a compreensão do presumido no enunciado, é necessário reconhecer-se o horizonte espacial dos falantes. No caso das professoras, torna-se reinvidicação conhecerem melhor as crianças e os contextos sociais de que fazem parte, para terem ampliada as possibilidades de identificar a linguagem extraverbal contida nas suas enunciações. A atenção às particularidades de cada criança, ainda que seja um desafio nos contextos coletivos de Educação Infantil, é importante para identificar o que significam as entoações proferidas pelas crianças. O excerto seguinte exemplifica este aspecto:

Grasi (PR-M) observa que Diego (2 anos e 6 meses) está incomodado, expressa descontentamentos e, quase chorando, puxa a roupa que veste para baixo. A professora fala: “O que foi, caiu, Diego? O que que tu quer, meu amor, quer tirar esse colete, tá com calor?”

Já tirou o teu casaco, vai tirar mais esse? Assim tu vai ficar com frio!” e auxilia a criança a tirar o colete. O menino apresentou outra expressão parecendo não estar mais incomodado. (Diário de Campo, Manhã de 1º de agosto de 2014).

A professora observou que a expressão de Diego era de desconforto e conseguiu identificar que, auxiliando-o a retirar o colete, o menino se sentiria melhor. Neste processo, mais do que possibilitar bem-estar à criança, estava sendo estabelecida uma rede comunicacional entre os dois participantes do discurso. Quando a enunciação de uma pessoa é tomada pela outra como indicativo para mudanças, o autor do discurso tem sua presença legitimada em dado contexto. No caso do excerto acima, a professora se volta à criança com perguntas sobre o que interpretou do contexto extraverbal que se configurava, deduzindo o que a incomodava.

Sob a ótica bakhtiniana, analisamos que a expressão do menino ganha sentido devido ao *horizonte espacial comum* (o aumento da temperatura naquela manhã, as roupas pesadas que o menino usava e sua demonstração de incômodo) em que os dois interlocutores (a professora e a criança) se localizavam. Tanto a professora interpretou e compreendeu o que enunciava Diego, como o menino, possivelmente, previa receber a ajuda da professora, conforme manifestasse seu desconforto. Supomos que havia uma *compreensão comum da situação* por parte dos dois e, por fim, houve uma *avaliação da situação*, desencadeada pela entoação enunciada pelo menino. Isto permitiu à professora compreender e atender a necessidade da criança naquele momento.

A entoação sempre se encontra no limite entre o verbal e o extraverbal, entre o dito e o não dito. Mediante a entoação a palavra se relaciona diretamente com a vida. E antes de tudo, justamente na entoação o falante se relaciona com os ouvintes: a entoação é social por excelência. É, sobretudo, sensível para com qualquer oscilação da atmosfera social que envolve o falante. (Bakhtin – Volochínov, 2011, p. 160) (Grifos do autor).

Diante disso, cabe-nos afirmar que a apropriação da linguagem pela criança é um processo que envolve uma complexidade de fatores. Compete às instituições de Educação Infantil terem profissionais instrumentalizados, em uma perspectiva da *práxis* educativa, para promover as máximas competências comunicativas entre as crianças. Tendo em vista que a autoconsciência só se forma na relação com outras pessoas e que a linguagem é apropriada na medida em que é possível exprimir as percepções sobre si

mesmo e sobre o outro. A atenção das docentes ao presumido e ao tempo, de que necessitam as crianças para se expressarem, entre elas e delas com os adultos, aproxima mais as professoras do universo infantil, permitindo que avaliem quais são os conhecimentos que as crianças demonstram ter apropriação.

Dispende de tempo para conversar e ouvir as crianças é conceder-lhes *o direito à infuncionalidade*, em uma sociedade que prima pela eficiência e nega o direito à infância, como afirma Rizzo (2011). Compreendemos que o tempo concedido à escuta, ao acolhimento do que as crianças enunciam e a disposição de dialogar com elas são meios para promover uma Educação Infantil que amplie as experiências das crianças e tenha elas como ponto de partida. Identificar o presumido presente nas expressões verbais e não verbais das crianças permite compreender o enunciado como *palco de encontro de diferentes opiniões*, como define Bakhtin (2006).

As relações que são estabelecidas nos contextos educativos podem promover ou inibir a potencialidade comunicativa das crianças. Mais do que a idade etária, é importante nos atermos às interlocuções que estabelecemos com elas e aos sentidos que atribuímos aos seus fazeres. Isto implica, portanto, prever que as crianças vão se apropriando da cultura historicamente construída na circunscrição dos contextos sociais. A docência na Educação Infantil, quando condizente com as possibilidades interpretativas das crianças e voltada a ampliar suas potencialidades de socialização e descobertas do mundo, incide sobre o reconhecimento da escuta como meio de tornar dialógicas as relações entre adultos e crianças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo discutimos sobre a docência na educação infantil a partir de uma perspectiva dialógica. Pensando na educação formal das crianças de zero a três anos, buscamos apresentar possibilidades teórico-metodológicas para as práticas pedagógicas a partir de alguns pressupostos teóricos da Filosofia da Linguagem (Bakhtin, 2006; 2010a; 2015) em interlocução com a Pedagogia da Infância (Barbosa, 2000; Bondioli, 2004; Faria, 2007; Rocha, 1999; Savio, 2011). Indicamos no texto que, a organização metodológica pelos preceitos bakhtinianos possibilitou problematizar a prática pedagógica tomando as crianças e as professoras a partir do seu lugar único no existir, em que seu agir é singularizado pelo lugar que cada um ocupa.

Apresentamos o conceito de ato social (Bakhtin, 2010a) em que, no presente estudo, foi evidenciada a

necessidade de se agir com maior consciência diante das crianças, constituindo enunciações responsivas, respondendo-lhes com responsabilidade, assumindo a docência como ato pedagógico. Nesse sentido, é necessário confrontar os arcabouços teóricos com a necessidade imediata da prática, como processo constitutivo de um agir ético. A ética não pode ser pensada como algo abstrato ou presente somente no interior da consciência humana, e sim como um processo que se materializa e toma significado por meio do signo ideológico.

Isto significa compreender que as relações estabelecidas no cotidiano educativo são resultantes de uma formação social ampla. A ética, enquanto elemento constitutivo do ato social, define-se pela apropriação dos signos criados por um grupo socialmente organizado (Bakhtin, 2010a). O entendimento acerca do agir ético, relacionado com a apropriação do conhecimento teórico, nas relações pedagógicas com as crianças, é estruturante para a realização de práticas pedagógicas pautadas na escuta.

Destacamos o importante papel das professoras na educação e no cuidado das crianças pequenas, mas, ao mesmo tempo, afirmamos que, diante do que vimos, observamos e analisamos, as crianças são também protagonistas de suas próprias experiências. Reconhecer que o processo de constituição da linguagem entre elas está diretamente relacionado com os fazeres docentes, é se dirigir à escuta de suas manifestações, legitimando-as como partícipes e autoras de sua aprendizagem.

Conhecer os sentidos que constituem os fazeres das crianças significa imergir em suas lógicas, conhecendo melhor suas principais preferências relacionais. Significa também adentrar o olhar aos seus fazeres e aos sentidos e significados que atribuem, assim como o que simbolizam nas brincadeiras e que relação estes aspectos têm com a constituição da linguagem.

Propor uma pedagogia dialógica, que requer escuta, implica a desestabilização de algumas visões de mundo, calcadas em posturas centralizadoras e detentoras de poder, neste caso, do adulto em relação à criança. Destituir-se destas marcas, definidoras da educação tradicional, possibilita às professoras a entrada no mundo interior das crianças. A condição de escutador ativo que ouve, sente, percebe e estabelece empatia, contribui para a constituição da docência em uma via intermediária. Uma via que respeita, interpreta e reconhece as condições emocionais de socialização das crianças, sem se omitir de sua função e responsabilidade social frente a elas.

Analisar a prática pedagógica por meio dos conceitos de escuta e dialogismo da Filosofia da Linguagem de Bakhtin (2006; 2009; 2015a), considerando o conjunto de enunciados verbais e extraverbais das professoras e das crianças, amplia as possibilidades para observar e interpretar a atividade educativa na Educação Infantil. Esses conceitos reiteram a necessidade das professoras da pequena infância tomarem as enunciações das crianças como reivindicação, tornando seu agir com elas mais consciente e próximo ao que manifestam, formando um diálogo vivo e inacabado.

O direito à escuta está diretamente relacionado ao direito de expressar-se, de externar sentimentos, emoções e angústias, alegrias e expectativas, buscando compreender que neste processo sujeitos falantes e ouvintes estão em formação. Observar os modos como as crianças comunicam, interpretar as estratégias que utilizam e atribuir sentido ao que enunciam demanda uma postura profissional provida de conhecimento prático e teórico, com uma sensível disponibilidade de escuta. Bakhtin aponta que a palavra quer ser sempre ouvida. Isto significa que para compreender o que o outro comunica é necessário compreender “o enunciado como um conjunto de sentidos” (2006, p. 329).

Neste sentido, a escuta é compreendida para além da ação de ouvir, mas como princípio de responsabilidade em relação ao outro e responsividade com o que nos é enunciado, em síntese, significa uma resposta responsável. É pelo ato da escuta, com olhar atento e observação atenciosa das professoras em relação ao que as crianças enunciam e aos modos como elas interpretam a enunciação de adultos e outras crianças, que acreditamos ser possível pensar a docência pelo dialogismo. Isto, portanto, exige romper com posturas adultocêntricas, aproximando nossos corpos e sentimentos aos corpos e aos sentimentos manifestados pelas crianças.

Nossa defesa é que as crianças se constituam como sujeitos de direitos, aspecto que parece ser reivindicação, poderem ser ouvidas, ao mesmo tempo, aprendendo a importância da escuta e das relações com o outro. Estabelecer relações comunicativas, no espaço da Educação Infantil, denota entre as pessoas do contexto educativo, mais do que permitir que suas vozes sejam faladas, mas sobretudo significa terem suas vozes escutadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Bakhtin, M. M. (2015a). *Problemas da poética de Dostoiévski*. (Trad. P. Bezerra). 5ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

Bakhtin, M. M. (2015b). *Teoría do romance I: a estilística*. São Paulo: Editora 34

Bakhtin, M. M. (2011). *Palavra própria e palavra outra na sintaxe da enunciação*. A palavra na vida e na poesia: introdução ao problema da poética sociológica. São Carlos: Pedro & João Editores.

Bakhtin, M. M. (2010 a). *Para uma filosofia do ato responsável*. Organizado por Augusto Ponzio e Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso – GEGE/UFSCAR. Tradução de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores

Bakhtin, M. M. (2010b). *Questões de Literatura e de Estética: a teoria do romance* (6a ed.) São Paulo: Ed. Hucitec/UNESP.

Bakhtin, M. M. (2006). *Estética da criação verbal*. (Trad. P. Bezerra) (4a ed.). São Paulo: Martins Fontes.

Bakhtin, M. M. (2009). *Marxismo e filosofia da linguagem*. (13a ed.). São Paulo: Editora Hucitec.

Bakhtin, M. M., Voloshínov, N. V. (2011). A palavra na vida e na poesia: introdução ao problema da poética sociológica. In *Palavra própria e palavra outra na sintaxe da enunciação. A palavra na vida e na poesia: introdução ao problema da poética sociológica*. São Carlos: Pedro & João Editores

Barbosa, M. C. S. (2000). *Por amor e por força: as rotinas na Educação Infantil* (Tese doutorado). Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas.

Barbosa, M. C. S. (2004). *Promuovere dall'inter-no*. In A. Bondioli, M. Ferrari (ed.), *Educare la professionalità degli operatori per l'infanzia*. Quaderni Infanzia.

Bondioli, A. e Ferrari, M. (2004). *Educare la professionalità degli operatori per l'infanzia*. Quaderni Infanzia.

Bondioli, A. e Mantovani, S. (1998). *Manual de educação Infantil*. De 0 a 3 anos. (9ª ed.) Porto Alegre: ArtMed.

Brasil, Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Resolução CNE/CEB n.º 5/2009, de 17 de dezembro de 2009. Fixa as *Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil*. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, 18 dez. 2009a, Seção 1, p. 18.

Dunn, J. (1998). *La nascita della competenza sociale*. (Trad. T. Roghi). Milano: Raffaello Cortina.

Faria, A. L. G. (2007). Para uma pedagogia da infância. *Revista Pátio*. Educação Infantil, 14, 6-9.

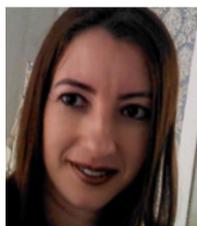
Rizzo, R. (2011). *Il tempo del bambino: il pre-testo di una società dell'accoglienza, dell'ascolto e del diritto all'infanzionalità*. Bari, Itália: Laterza di Giuseppe

Rocha, E. A. C. (1999). *A Pesquisa em Educação Infantil no Brasil: trajetória recente e perspectiva de consolidação de uma Pedagogia da Educação Infantil*. Florianópolis: Centro de Ciências da educação, Núcleo de Publicações – NUP.

Savio, D. (2011). *Il gioco e l'identità educativa del nido d'infanzia: un percorso di valutazione formativa partecipativa nei nidi di Modena*. Parma: Edizioni Junior.

Fechas: Recepción 18.09.2018. Aceptación: 9.5.2019
Artículo concluído el 2 de septiembre de 2018

Salazar, J.; Schlindwein, L. M. e Dias, J. (2019). Escuta e dialogismo: contribuições da Filosofia de Mikhail Bakhtin. *RELAdEI (Revista Latinoamericana de Educación Infantil)*, 8(1), pp. 121-129. Disponível: <http://www.usc.es/revistas/index.php/reladei/index>



Joselma Salazar de Castro

Secretaria Municipal de Educação, Prefeitura Municipal de Florianópolis, Santa Catarina, Brasil
josalazardecastro@gmail.com

Joselma Salazar de Castro possui Doutorado em Educação na Linha de Pesquisa Educação e Infância do Programa de Pós Graduação em Educação na Universidade Federal de Santa Catarina (PPGE/UFSC). Realizou estágio doutoral na Università degli Studi di Pavia/Itália/ Dipartimento degli Studi Umanistici, no período entre dezembro de 2014 a setembro de 2015. Possui Mestrado em Educação (2011) pelo (PPGE/UFSC) e Linha de Pesquisa: Educação e Infância. É integrante do Núcleo de Pesquisa Formação de Professores, Escola, Cultura e Arte - NUPEDOC da UFSC. Graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). É servidora municipal no cargo de Supervisora Escolar na Educação Infantil na Rede Municipal de Educação de Florianópolis-SC, trabalhando com formação continuada e acompanhamento de processos pedagógicos.



Luciane Maria Schlindwein

Universidade Federal de Santa Catarina-UFSC;
Florianópolis-SC, Brasil
luciane.schlindwein@ufsc.br

Luciane Maria Schlindwein possui graduação em Pedagogia (1985), mestrado em Educação (Psicologia da Educação) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1994) e doutorado em Educação (Psicologia da Educação) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1999). Atuou na coordenação do PPGE/UFSC entre 2012 e 2016. Esteve no conselho editorial das Revistas Contrapontos, EntreVer, Extensio e Psicologia Escolar e Educacional, da qual é membro do comissão editorial. Atualmente é bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico e professora adjunta da Universidade Federal de Santa Catarina, no Curso Pedagogia. Atua na Linha de Pesquisa Educação e Infância, no PPGE/UFSC. Tem experiência nas áreas da formação de professores e da psicologia da educação.



Julice Dias

Universidade do Estado de Santa Catarina, FAED/
UDESC; Florianópolis-SC, Brasil
julice.dias@hotmail.com

Julice Dias é Doutora em Educação: História, Política, Sociedade pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC/SP (2009). Mestre em Educação, pela Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI), cuja dissertação foi defendida em fevereiro de 2003. Atualmente é professora do Departamento de Pedagogia da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Professora credenciada para o Programa de Pós-Graduação em Educação da UDESC. Integra o GEDIN e o Grupo de Pesquisa Didática e Formação Docente, na mesma Universidade. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em educação da infância. Tem vasta experiência em formação continuada de docentes universitários e professores da educação infantil e ensino fundamental. Atualmente é vice-presidente do Conselho Municipal de Educação de Florianópolis.